

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.180208-2023-295-309>.

Recebido em maio de 2023. Aprovado em junho de 2023.

REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA: UMA ANÁLISE DO REGISTRO MEMORIAL DE XICA DA SILVA NA OBRA DOCUMENTAL DE JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS HISTORICAL REPRESENTATION: AN ANALYSIS OF THE MEMORIAL RECORD OF XICA DA SILVA IN THE DOCUMENTARY WORK OF JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS

Ester Estevão da Silva*

José Edilson de Amorim**

Resumo: O presente artigo descreve e problematiza a representação memorialista da figura histórica Francisca da Silva de Oliveira na obra *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, de Joaquim Felício dos Santos. Partimos da hipótese de que a representação de Xica da Silva advém de construções discursivas e sociais e, assim, reflete o imaginário sócio-histórico brasileiro sobre mulheres negras.

Palavras-chave: Representação. Memória. Xica da Silva.

Abstract: This paper describes and problematizes the memorialist representation of the historical figure Francisca da Silva de Oliveira in *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, by Joaquim Felício dos Santos. We start from the hypothesis that the representation of Xica da Silva comes from discursive and social constructions and, thus, reflects the Brazilian socio-historical imaginary about black women.

Keywords: Representation. Memory. Xica da Silva

1 INTRODUÇÃO

Amplamente conhecida no imaginário sócio-histórico brasileiro ao ter sua história roteirizada em filmes e novelas que passaram na TV aberta nas décadas de 70 e 90, como em *Xica da Silva*, de Carlos Diegues, de 1976, e na literatura, como no romance histórico *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos, também publicado em 1976, a figura histórica de Chica da Silva ressignificou o imaginário popular sobre o lugar social de mulheres negras em pleno período colonial, ao ser uma ex-escrava que, não apenas adquiriu a liberdade, como também ocupou espaços de poder na elite mineira em pleno Brasil Colonial do século XVIII.

Diferente do que se imagina, apesar de ter sua liberdade e ascensão representadas como resultante de uma trajetória singular, historiadoras como Júnia Furtado (2003)

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ). E-mail: esteresteवादasilva2@gmail.com.

** Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Email: edilsondeamorim@gmail.com.

evidenciam a existência de outras tantas mulheres forras da região diamantina do século XVIII que tiveram vida similar a Chica da Silva. Segundo a autora, a existência de pessoas negras livres e em ascensão em pleno Brasil Colonial, apesar de marcante, foi “relegada ao esquecimento”, visto que, nas raras vezes que os livros de história registam sua existência, quase sempre as apontam como uma exceção.

De acordo com Edward Hallet Carr (1996, p. 41), quando se trata da manipulação dos acontecimentos históricos, nossa visão é pré-selecionada e pré-determinada por pessoas envolvidas em uma visão particular, consciente ou inconsciente, e que consideram apenas os fatos que sustentam essa perspectiva digna de serem preservados. Como resultado, Carr (1996, p. 47) afirma que os fatos da história nunca chegam até nós em sua forma “pura”, uma vez que eles são sempre filtrados através da mente do historiador.

Com base nisso, é possível entender que a história que lemos não é, de fato, absolutamente factual, mas sim uma série de julgamentos aceitos. Isso ocorre porque, como aponta Le Goff (1990, p. 104), as estruturas de poder de uma sociedade afetam a história ao deixarem testemunhos que podem orientá-la em uma determinada direção, conscientemente ou não. Frente a isso, é possível afirmar que o apagamento de tantas outras figuras negras da história oficial aponta para uma tentativa de restringir e estereotipar as múltiplas possibilidades de ser negra(o) na colônia portuguesa do século XVIII.

Na história cultural brasileira, Chica da Silva tem sido representada com trejeitos de arrogância, manipulação, vingança e depravação. Apesar de posteriormente contestada por autores como Júnia Furtado (2003), essa é a versão de Chica mais conhecida. Entretanto, a verdade é que pouco ficou conhecido sobre quem teria sido, de fato, a Chica da Silva¹ de carne e osso que viveu no Tejuco durante o século XVIII, visto que qualquer ideia sobre a Chica da Silva real que se tenha hoje é resultado dos construtos históricos e de narrativos ficcionais sobre essa personagem, tornando praticamente impossível, hoje, acessarmos a alguma Chica da Silva que não tenha sido traduzida ou imaginada.

Nascida entre os anos de 1731 e 1735, Francisca da Silva de Oliveira foi uma mulher negra escravizada, vivente no distrito diamantino da Comarca de Serro Frio, em Minas Gerais. Assim como tantas outras mulheres forras da região diamantina, apagadas historicamente, Chica da Silva adquiriu sua liberdade e ocupou posições de poder na elite mineira ao se unir em concubinato com um rico homem branco. No caso de Chica da Silva, sua história foi a mais paradigmática, pois o homem com quem se relacionara era um dos mais ricos da Colônia na época, o contratador de diamantes, João Fernandes de Oliveira, com quem teve 13 filhos.

Sendo, pois, uma figura de destaque histórico e uma representação das mulheres forras da região diamantinense no Brasil Colonial do século XVIII, mesmo que erroneamente designada como possuidora de uma trajetória singular, observaremos, neste artigo, como se deu a formulação inicial da representação de respectiva figura negra feminina brasileira, Xica da Silva, no imaginário sócio-histórico nacional, por meio da

¹ Utilizaremos Chica da Silva (com Ch) para mencionar a figura histórica vivente no século XVIII, e Xica da Silva (com X) para fazer menção à personagem histórica e ficcional.

obra *Memórias do Distrito Diamantino*, que daria espaço, séculos depois, a uma representação amplamente sexualizada, manipuladora e vingativa que mistifica a figura histórica Francisca da Silva de Oliveira e constitui, assim, sua identidade no imaginário nacional.

2 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Segundo os estudos de Stuart Hall (2016), a língua opera por meio de sistemas de representações, na qual se utilizam de algum componente para representar ou dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia, um sentimento. Em vista disso, partimos, pois, do pressuposto levantado por Jatahy Pesavento (2012) de que as identidades são construções sociais e, sobretudo, discursivas e que, por isso, devemos pensar a História como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo, compreendendo-a como uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica.

Mesmo na ausência de um corpo vivente, a lembrança de Chica da Silva permaneceu viva na memória e na oralidade de homens e mulheres no nordeste de Minas Gerais desde seu falecimento, em 1796. A partir de então, sua imagem seria presentificada ao ser apresentada e registrada, pela primeira vez, como personagem histórica brasileira, apenas no ano de 1868, nas páginas das *Memórias do Distrito Diamantino* de Joaquim Felício dos Santos.

Tendo em vista que “[...] o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas” (Pesavento, 1995, p.24), se a imagem-lembrança de Chica da Silva residia na mente dos diamantinenses e se os fatos tidos como de sua vida passeavam pelas conversas populares através do campo volátil da oralidade, a sua imagem passaria a se solidificar com maior intensidade no imaginário social a partir da linguagem escrita de Joaquim Felício dos Santos, configurando-a como “[...] o lugar de expressão das expectativas e aspirações populares latentes [...]” (Baczko, 1985, p.303).

A obra, elaborada a partir de relatos de antigos moradores locais e dos escassos documentos a que o autor, na posição de advogado, conseguiu ter acesso, ao representar interesses de descendentes de Xica da Silva, traçou a história da mineração de diamantes ocorrida no século XVIII, e dedicou um capítulo para mencionar a existência dessa escrava que ascendeu socialmente em pleno período colonial.

Partindo do conceito de que a representação consiste em “uma exposição, uma reapresentação de algo ou alguém que se coloca no lugar de um outro, distante no tempo e/ou no espaço” (Pesavento, 2012, p. 30), percebe-se, a partir da obra de Joaquim Felício dos Santos, a exibição de uma imagem repleta de valores atribuídos a Chica da Silva que se colocou no lugar da mulher de carne e osso do século XVIII que habitou no arraial do Tejuco e que se encontrava espacial e temporalmente distante do momento de escrita do autor.

Isto posto, se podemos pensar na representação histórica, e em um determinado aspecto na própria noção de imaginário relacionado a personagens históricas, como a

imagem gerada a partir do que se deduz sobre o passado por meio do presente, talvez possamos considerar também que mesmo as representações memorialísticas de Chica da Silva são um acesso ao passado por meio do presente dos criadores. Dessa forma, haveria nessa representação aspectos da forma como o presente/contemporâneo olha para o passado representado e o imagina.

Start Hall (2016, p. 26) menciona que as formações discursivas definem o que é ou não adequado em um enunciado sobre um determinado tema, área de atividade social, e nas práticas associadas a tal área ou tema; determinam que tipo de conhecimento é considerado útil, relevante e “verdadeiro” em seu contexto; e definem, também, que gênero de indivíduos ou “sujeitos” personificam determinadas características.

Dessa forma, “as palavras, expressões, proposições, etc, recebem seu sentido na formação discursiva na qual são produzidas” (Pechêux, 2009, p. 147), não havendo, pois, um discurso neutro ou inocente, visto que, ao produzi-lo, o sujeito o faz “a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representam os lugares sociais que ocupa” (Florêncio, 2009, p. 27–28).

Nesse viés, Chartier menciona que:

[...] a mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens do seu tempo [...] o nível da história das mentalidades é o do cotidiano e do automático, é aquilo que escapa aos sujeitos individuais da história porque revelador do conteúdo impessoal do seu pensamento. (1990, p. 41)

Frente a isso, dado que as representações são determinadas pelos movimentos sociais, políticos e culturais que surgem na sociedade, o relato fundador de Joaquim Felício dos Santos cria uma representação de Chica da Silva marcada pelo período histórico em que essa imagem foi concebida. Dessa forma, Joaquim Felício, em seu papel como historiador, atua como o principal intérprete da opinião coletiva, representando a atitude dominante de algumas sociedades históricas perante seu passado e sua história.

Diante disso, visamos, neste artigo, examinar não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados.

3 AS MEMÓRIAS DE JOAQUIM FELÍCIO

Memórias do Distrito Diamantino da comarca de Serro Frio é uma obra documental do século XIX, que registra o processo de descoberta e exploração de diamantes, ocorrido durante o século XVIII, no Distrito Diamantino, localizado na comarca de Serro Frio, região do Vale do rio Jequitinhonha, no nordeste da capitania de Minas Gerais. A referida obra tem por autor Joaquim Felício dos Santos — um historiador, professor, jurista, jornalista e político brasileiro, nascido em 1822, na Vila do Príncipe, sede da comarca de Serro Frio, pertencente à província de Minas Gerais.

Joaquim Felício dos Santos reuniu os folhetins lançados no jornal diamantinense em uma obra intitulada *Memórias do Distrito Diamantino*, que recebeu sua primeira publicação em livro apenas no ano de 1868, pela Tipografia Americana. As *Memórias do Distrito Diamantino* são divididas em quarenta capítulos, acompanhando, em grosso modo, a cronologia administrativa do distrito. O livro parte da descoberta das minas de Serro Frio e, a partir de então, acompanha as diferentes legislações que regeram a exploração mineradora na região ao longo dos anos, registrando, ainda, a ordem dos governadores e intendentess responsáveis pela administração do distrito.

Conforme os estudos realizados por Furtado (2003, p. 265), atuando como advogado, em 1853, Joaquim Felício dos Santos conduziu a repartição de bens no processo de separação da união estável que um dos seus tios, o Tenente Feliciano Atanásio dos Santos, tivera com a neta de Chica da Silva, Frutuosa Batista de Oliveira, a única filha de Rita Quitéria Fernandes de Oliveira. Em 1860 atuou, também, como representante legal dos legatários de Chica da Silva, em um processo pela posse dos haveres do contratador João Fernandes de Oliveira no Brasil.

Ao experimentar dificuldades em encontrar documentos, Joaquim Felício recorreu principalmente a depoimentos orais de pessoas idosas, que guardavam a memória antiga do Distrito, como sua principal fonte histórica. Ele também utilizou a documentação oficial local, excluída aquela que era enviada a Lisboa e, portanto, inacessível, juntamente com depoimentos diretos de testemunhas considerados “fidedignas”, das quais ele selecionou “o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro”.

Portanto, é a narrativa do historiador, enquanto representação, que se coloca no lugar do acontecimento passado, figurando como se fosse a realidade, e que a partir da formulação de versões compreensíveis, plausíveis e verossímeis sobre experiências que se passam fora do vivido “organiza os traços deixados pelo passado e se propõe como sendo a verdade do acontecido” (Pesavento, 2012, p. 39). Diante disso, “sua reconstrução narrativa do acontecido opera sempre como um ser como, um teria sido, aproximativo e verossímil, mas que representa um problema para a disciplina, visto que o público leitor espera sempre da História um relato verdadeiro” (Pesavento, 2012, p. 79).

4 O CAPÍTULO XV DE *MEMÓRIAS DO DISTRITO DIAMANTINO*: O REGISTRO DE UMA XICA DA SILVA MEMORIALÍSTICA.

Na posição de homem branco do século XIX, Joaquim Felício dos Santos reconstrói a imagem de uma Chica da Silva, vivente nas Minas Gerais no século XVIII, conforme os desígnios de sua época, onde imperavam os preconceitos contra ex-escravos, mulheres de cor e uniões consensuais. Desse modo, cercado pelo imaginário preconceituoso de seu contexto histórico e regido por valores europeus e cristãos, Joaquim Felício faz projeções de suas impressões no século anterior. De acordo com Pesavento (2012, p. 31), isto se dá pelo fato de que “aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo, tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças”.

Enquanto “membro da elite branca preconceituosa do século XIX” (Furtado, 2003, p. 266), seguindo, portanto, o padrão de beleza europeu, bem como, exprimindo suas próprias preferências, Joaquim Felício parte de preceitos racistas ao trazer uma apresentação repleta de descrições negativas sobre a suposta aparência de Xica da Silva, descrevendo-a como uma “uma mulata de baixo nascimento” (Santos, 1868, p. 161).

[...] tinha as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabeleira anelada em caixos pendentes, como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão. (Santos, 1868, p. 161)

Neste fragmento, o autor molda a representação histórica Xica da Silva como não possuidora de grandes virtudes ao descrevê-la por meio de atributos de desqualificação física e intelectual. Isto posto, é possível observar a presença de um discurso de cunho racista, onde o autor inferioriza e julga como feio os traços de respectiva mulher negra, dado que as feições “grosseiras” do corpo negro de Xica da Silva, por ser “alta e corpulenta” a afastavam do padrão branco e europeu, símbolo idealizador da beleza e civilidade.

Além disso, ainda neste recorte, é possível observar que, apesar de reproduzir os costumes de vestimentas das mulheres brancas da elite local, como trazer “a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes, como então se usava”, no corpo negro de Xica não denotava beleza. O autor, então, reafirma essa ideia ao mencionar, logo em seguida, que a mulata “não possuía graças” e “não possuía beleza”. Assim, atribuiu-se à imagem de Xica o estereótipo da negra feia.

Trechos como “não possuía espírito, não tivera educação”, evidenciam características desqualificadoras atribuídas a Xica que o autor, em sua obra, ressalta como atributos que resumem a figura histórica. Tais fragmentos, escolhidos para formular a imagem de Xica, indicam os efeitos de repulsa que o autor quisera imprimir na personagem. Desse modo, essa produção se volta ao exotismo da figura negra e reproduz “estereótipos atrelados à semântica do preconceito” (Duarte, 2011, p. 3).

Ao findar o trecho, Joaquim Felício retoma todas as qualificações direcionadas a Xica em uma síntese totalizadora negativa ao dizer que a personagem “não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão”. Aqui, além de reforçar o discurso desqualificador já apresentado, o autor pressupõe que Xica da Silva despertou uma forte paixão no contratador de diamantes, o que, segundo o afirmado, não poderia ser justificado pelos atrativos físicos e intelectuais inexistentes da ex-escrava. Assim, conforme defendido por Júnia Furtado², a publicação de *Memórias do Distrito Diamantino* faz de Chica a única negra a figurar em um registro histórico e o autor encontra no sexo e na perversidade os pretextos para uma escrava merecer tal destaque.

Por se tratar de um texto documental, que registra acontecimentos passados e onde é comum haver certa imparcialidade do historiador, se espera que haja um distanciamento

² FURTADO, Júnia *apud* CORTELETI, Marco Antônio. Pesquisa contesta mito de Chica da Silva. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/1207/pesquisa-contesta-mito-de-chica-da-silva-1>.

narrativo e uma objetividade, com o intuito de apenas descrever os fatos. Entretanto, no capítulo da obra analisada, o autor faz sobressair a mera descrição dos acontecimentos do Arraial do Tejuco e rompe a imparcialidade narrativa ao moldar e caracterizar a personagem histórica segundo os preceitos de sua época.

Ao mencionar o poderio de João Fernandes, o autor relata que:

[...] Só uma mulher partilhava seu poderio; era a sua amante Francisca da Silva, vulgarmente conhecida por Xica da Silva.

Foi celebre esta mulher, única pessoa ante quem curvava-se o orgulhoso contratador; sua vontade era cegamente obedecida, seus mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos. Dominadora do Tijuco, com a influência e poder do amante, fazia alarde de um luxo e grandeza, que deslumbravam as famílias mais ricas e importantes; quando, por exemplo, ia às igrejas, — e então era aí que se alardeavam grandezas — coberta de brilhantes e com uma magnificência real, acompanhavam — as doze mulatas esplendidamente trajadas: o lugar mais distinto do templo era lhe reservado. (Santos, 1868, p. 144).

Neste fragmento, é possível observar como o autor descreve a imagem da personagem como alguém que “fazia alarde de um luxo e grandeza” devido à “influência e poder do amante”. Ao mencionar que os desejos de Xica eram “cegamente obedecidos” e seus “mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos”, o historiador atribui a Xica da Silva uma representação de arrogância e manipulação.

Outra representação possível de ser observada, na obra de Joaquim Felício dos Santos, é a atribuição de um perfil vingativo da ex-escrava, que, sendo os escritos, se utilizava do poder de João Fernandes para obrigar “a elite local a se curvar à escrava opressora e dominadora, que se vestia ricamente e tinha tudo que o dinheiro e o poder podiam comprar” (Furtado, 2003, p. 268). Para ter acesso aos favores do contratador, os visitantes, grandes e nobres, teriam que, antes de tudo, venerar e agradecer a “Dominadora do Tejuco”.

Quem pretendia um favor do contratador, a ela primeiramente devia dirigir-se na certeza de ser atendido, se conseguia grangear-lhe a proteção. Os grandes, os nobres, que vinham a Tijuco, os infatuados de sua fidalguia, não dedignavam-se de render-lhe homenagem, curvavam-se a beijar a mão a amante de um vassalo do rei. Tal é o poder do dinheiro! (Santos, 1868, p. 144)

Além disso, Joaquim Felício ressalta que a grandeza e o respeito conquistados por Xica se deu apenas pelo dinheiro de João Fernandes e pela ascensão social que ela adquiriu ao se unir em concubinato com ele. A afirmação final, “Tal é o poderio do dinheiro”, elucida a ideia de que, se não fosse pelo poder financeiro adquirido por Xica através de sua união com o contratador, ninguém, muito menos os grandes e nobres, se dirigiram a ela de tal forma.

Tal afirmação retrata, também, os ideais racistas e misóginos a que mulheres negras estavam sujeitas no período colonial, segundo os quais uma figura negra feminina só poderia obter respeito e ocupar importantes posições na sociedade mediante o dinheiro e o poder de um homem branco.

Dada a ausência de dados precedentes sobre a vida da ex-escrava, este discurso histórico marca a gênese das representações sobre Chica da Silva e exerce a função de discurso oficial. Desse modo, apesar de apresentar informações distintas da realidade sobre esta mulher histórica, como comprovado posteriormente pelos estudos da historiadora Júnia Furtado (2003), a obra *Memórias do distrito diamantino* ocupa o papel de relato original, servindo como texto fundador para quase tudo o que se escreverá posteriormente sobre respectiva figura histórica. Portanto, com a publicação desta obra, “Chica da Silva passou a encarnar o estereótipo de mulher negra e escrava — e, apesar de negativa, assim nasceu sua lenda” (Furtado, 2003, p. 267).

Ao trabalhar os elementos constituintes da História Cultural, Pesavento (2012, p. 32–33) define o imaginário como “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”, o qual “comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social”.

Partindo desse pressuposto, tomando a obra como enunciado, o tom pejorativo sobre percepções a respeito de Xica da Silva descritas por Joaquim Felício dos Santos, em passagens de *Memórias do Distrito Diamantino*, evidencia a mediação de discursos sociais. Dessa forma, tal representação consiste em um imaginário formado e formador de avaliações sociais correntes em manifestações orais e escritas de um dado período da história do Brasil e correntes no período de produção da obra.

Para a historiadora Júnia Furtado (2003), é assim que nasce o mito de uma Xica da Silva cheia de atributos negativos, lascivos e selvagens, ou seja, com características criadas a partir da não ordenação/compreensão da existência de uma Chica da Silva no século XVIII, ao menos por parte da sociedade brasileira do século XIX. Portanto, a imagem construída de Xica da Silva na obra em questão, não é mais “a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui” (Achard, 1999, p. 55).

Dessa forma, os elementos que fazem parte da realidade natural e material, como a descrição memorialista registrada de Xica da Silva, não se reduzem ao que são, mas sim ao que fazem, as suas funções. Segundo Pesavento (2012, p. 30–31), os indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade, as quais são também portadoras do simbólico, ou seja, “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”.

A REPRESENTAÇÃO DE XICA DA SILVA E A REGULARIZAÇÃO DA MEMÓRIA SOBRE A FIGURA NEGRA FEMININA NO IMAGINÁRIO SÓCIO-HISTÓRICO DO SÉCULO XIX

Ao se debruçar sobre a lógica de funcionamento da nossa percepção do mundo e de seus sinais na consciência, e sobre as formas de “descrever, analisar e interpretar linguagens”³, a semiótica peirceana aponta que a representação e a tradução caminham

³ SANTAELLA, L. O que é a Semiótica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 15.

juntas desde o âmbito mais elementar de nossa percepção do mundo. Tal teoria explica que a nossa compreensão do mundo se dá por meio da criação de signos na consciência, signos que representam, numa relação triádica do que podemos chamar de complexidade perceptiva, o próprio mundo em nossos pensamentos. “Para que algo possa ser um Signo, esse algo deve ‘representar’, como costumamos dizer, alguma outra coisa, chamada seu Objeto”⁴.

Tendo os signos como representação dos objetos do mundo, ou melhor, como o que está no lugar dos objetos como passível de ser traduzido na mente, compreende-se que o processo de representação e interpretação do mundo se dá por meio de traduções, já que o signo é reconhecido pelo interpretante mental que traduz o signo primeiro por meio de outros signos.

Start Hall, em sua obra *Cultura e representação* (2016), pontua que a cultura consiste em “significados compartilhados”, que englobam o que melhor foi pensado e dito em uma sociedade e que só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. Dessa forma, a linguagem é caracterizada como o meio privilegiado onde o significado é produzido e intercambiado, ou seja, é por meio dela que os pensamentos, ideias e sentimentos são representados em uma cultura.

Para a compreensão do corpo humano como signo ideológico, partimos do conceito de signo levantado por Bakhtin/Voloshinov (2006), para quem a consciência só se torna consciência quando, nas interações sociais, impregna-se de conteúdos semióticos, ou seja, impregna-se de signos. Para o estudioso, a palavra, sendo um “fenômeno ideológico por excelência” — por ser nela que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica — como signo, pode ser utilizada por diversos domínios e, a depender do contexto, adquirir significados distintos.

Frente a isso, Valdemir Miotello (2005, p. 170) afirma que, todo signo “recebe um ‘ponto de vista’, pois representa a realidade a partir de algum lugar valorativo, revelando-se como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico”. Ideologia, segundo Voloshinov (*apud* Miotello, 2005, p. 169) no texto *Que é a linguagem?*, é definida como “todo o conjunto de reflexões e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas”. Isto posto, é possível compreender que as ideologias chegam à mente individual por meio dos signos e que as palavras, enquanto signos, são ideologicamente disputados, uma vez que, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (Bakhtin; Voloshinov, 2006, p. 46).

Dessa forma, a palavra, como signo, reflete sutilmente as mais imperceptíveis alterações da existência social, pois “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (Bakhtin; Voloshinov, 2006, p. 43). Dessa forma, pode-se dizer que, por meio das palavras, é possível compreender a realidade em movimento, dado que, elas registram e influenciam a realidade vivida pelos seres que criam e absorvem os signos.

⁴ PEIRCE, C. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 47.

Ao serem traduzidos para as representações ficcionais, os corpos-signos carregam junto consigo significados que estão para além das diegeses. Significados associados a esses signos historicamente que, a depender do contexto de recepção e uso ou conhecimento desses significados, se mesclarão aos significados atribuídos a estes signos dentro das obras. É neste sentido que as representações literárias de Xica da Silva nos textos de 1868 e 1976 evocam outros lugares de significação dos corpos de mulheres negras, para além dos pressupostos por Joaquim e João Felício presentes nas obras.

A partir disso, é possível compreender que, no que se refere a literatura como arte propulsora de significados sobre determinadas representações, pensamos os corpos humanos representados como signos historicamente atribuídos a si, mas que a depender de seus contextos de uso para produção e leitura dos enunciados podem ser lidos/pensados de uma dada forma pelos emissores do enunciado e de uma outra dada forma pelos receptores do enunciado.

Nessa perspectiva, dado que perceber é traduzir mentalmente as representações/signos que funcionam como objetos do/no mundo, “o homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação” e “o significado, portanto, é aquilo que se desloca e se esquiva incessantemente” (Santaella, 1983, p. 11). Desta forma, o uso de um mesmo corpo-signo na comunicação (no momento de criar representações ficcionais, por exemplo) se dá de formas diferentes a depender dos contextos social e cultural do uso. Mas também se dá refratando e, conseqüentemente, se acomodando a ideologias oficiais historicamente associadas a esses signos-corpos.

Isto posto, não se trata apenas de pensar sobre o que os corpos-signos significam aos olhos de pessoas distintas, tanto autores quanto receptores, mas se trata também de considerar o que eles significam como resultados de uma ideologia oficial de significados, ou em meio a ela. Assim, para além dos significados das representações de corpos-signos em diegeses específicas, é necessário considerar quais os significados que estas representações, como traduções dos corpos-signos reais, inevitavelmente refratam. Para isso, torna-se necessário pensar também onde as representações destes corpos-signos reais se acomodam, considerando os seus *já ditos* e os significados hegemônicos, ditos oficiais, historicamente construídos e situados, atribuídos a eles.

Como mencionado anteriormente, “o corpo é construído, moldado e remoldado pela interseção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares”. Isto posto, é possível pensar a respeito de um *já dito* que circunda os corpos-signos. Os *já ditos* que constroem e inscrevem, historicamente, os corpos negros, dotando-os de significados e valores específicos, não foram atribuídos pelos próprios negros, mas sim pelos outros principais indivíduos da história da colonização, os brancos.

Gomes traz os seguintes *já ditos* como exemplos deste processo:

No entanto, podemos desenvolver um argumento levando em conta dois exemplos: a Vênus de Dusseldorf, com seus seios fartos, seu ventre protuberante, sua figura prenhe, que só é desejável como escultura a partir de uma visão de mundo que se referêcia à fertilidade, à terra/mãe; e a figura da modelo Kate Moss, que só é pensada como fotografável a partir de um ‘já dito’ que integra a estética da magreza. Dessa forma, compreendemos que essas imagens, em sua materialidade, são da ordem do imaginário como a realidade vivida. A figura feminina é construída sobre esse fundo ‘já dito’ que, no entanto, corresponde justamente à topologia instituída pelo símbolo: imaginário enquanto estratificação (Gomes, 2008, p. 45).

Esse histórico processo de significação dos corpos negros sob uma ordenação de “olhares” e “valores” impostos pelos indivíduos da supremacia social, é o que, numa cadeia de tradução do real e da realidade, faz com que grupos historicamente marginalizados não tenham tido e permaneçam não tendo controle sobre sua própria representação (Shohat; Stam, 2006).

Desse modo, dado que, durante muito tempo, a escrita da História e da Literatura, bem como a regência da sociedade, eram espaços reservados aos homens, em especial os de etnia branca, sendo este grupo possuidor da “influência poderosa que exerce a organização hierarquizada das relações sociais sobre as formas de enunciação” (Bakhtin; Voloshinov, 2006, p. 46), as representações elaboradas por este grupo foram, durante muito tempo, tomadas como verdade e, conseqüentemente, como o “real”.

De acordo com Souza (2019, p. 26) “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade”. Os estudos de Hall complementam este pensamento ao indicar que é o sentido que nos permite cultivar a noção da nossa própria identidade, de quem somos e a quem pertencemos.

Isto posto, inseridas em uma sociedade branca, de classe e ideologia dominantes brancas, de estética e comportamentos brancos, de exigências e expectativas brancas, historicamente silenciadas, marginalizadas, privadas do poder de escrever as próprias histórias e com seu lugar social determinado pela supremacia branca, a forma como as mulheres negras são representadas na história e na literatura evidencia os valores que, aqueles que têm o poder de escrever sobre Outro e de formular suas identidades, atribuem a elas.

Por isso, a cultura brasileira, dotada de preceitos advindos da supremacia branca e patriarcal e possuidora de uma literatura majoritariamente composta por obras onde as construções discursivas e narrativas do feminino são figuradas pelo poder masculino, prevalecem, em suas construções, as preconizações de personagens negras femininas subjugadas, não só ao patriarcalismo, como também a representações envolvidas por traços de inferioridade, hipersexualização da raça e valoração negativa de suas diversidades étnico-raciais. Uma figura histórica exemplo deste processo é Chica da Silva.

Pensando na história do Brasil, os corpos femininos negros representados e (re)apresentados nas ficções e na realidade vivida por nós, de alguma forma, carregam em si significados acumulados e associados a eles historicamente, que remetem para um tempo fora deles, um passado que lhes atribuiu, e ainda atribui, determinados significados que as estigmatizam e estereotipam.

Ademais, de acordo com Achard (1999, p. 51), quando um acontecimento histórico é transformado em memória, a imagem transmitida é apenas um operador de memória social, o que pode comprometer a integridade dos fatos. Conseqüentemente, a historiografia consiste em uma sucessão de novas interpretadas do passado, que envolvem perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões (Le Goff, 1990, p. 26).

Em vista disso, a perpetuação de determinada narrativa sobre uma personagem pode ser compreendida por meio dos ensinamentos de Foucault sobre os princípios do comentário como procedimento de controle dos discursos. Em sua obra, *A ordem do discurso*, o autor afirma que

[...] não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza. Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (Foucault, 1996, p. 21-22).

Neste contexto, a partir da teoria levantada por Foucault, é possível compreender que o “discurso de verdade”, como o produzido e divulgado socialmente sobre Chica da Silva, se dá a partir de relações constituídas de poder, dado que, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros” (Foucault, 1979, p. 12).

Roger Chartier (1998, p. 17) explica que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam e que, em cada caso, há uma associação entre os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Em vista disso, ao relacionarmos o conteúdo da crônica colonial de Joaquim Felício dos Santos com a sua posição de enunciação relevante, devido ao posto de autoridade que ocupava como político, jurista e romancista, percebe-se que o seu livro de *Memórias*, pelo alcance e circulação territorial, tornou-se notório e de leitura indispensável para qualquer indivíduo que se sinta atraído a saber mais sobre a história de Diamantina.

Desse modo, além de recriar o período de exploração dos diamantes, a obra recria, também, uma representação feminina resultante de um discurso social masculino que não é neutro, mas ideológico, já que, “[...] a linguagem, em seu sentido mais amplo, desempenha papel fundamental na definição e na manutenção da visão de mundo “masculina”, vigente na maioria das sociedades ocidentais modernas” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 55).

Dessa forma, resulta que “esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais” (Pesavento, 2012, p. 31). É dessa maneira que a memória histórica de Joaquim Felício dos Santos, dotada desse poder simbólico, projetou Chica da Silva para a história.

Segundo Hall (2016, p. 41–42), o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos na palavra. Para o autor, somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. Dessa forma, o sentido é construído pelo sistema de representação.

Apesar de ser a representação que organiza os traços deixados pelo passado e se propõe como sendo a verdade do acontecido, segundo Pesavento (2012, p. 39), “ainda há um público, ouvinte e leitor para a narrativa historiográfica, a quem se busca convencer, seduzir, provar. Esse público deve ser convencido de que o historiador lhe oferece a verdade do acontecido”, uma vez que, como defendido pelo teórico da recepção Hans Robert Jauss (*apud* Pesavento, 2012, p. 42), “a produção da narrativa histórica e a sua aceitação como um relato verossímil se dá como uma resposta às expectativas do leitor”.

Isto posto, é possível compreender que a mitificação da figura histórica de Xica da Silva se constitui não apenas pela representação inicial de sua identidade, mas também pela regularização de uma memória frente a determinada representação, uma vez que, “o sentido não se instaura por puro efeito do “desvio” imprevisto e esporádico de uma trajetória, mas pela duração desse “desvio” (sua “recorrência”), que permite que algum sentido “pegue”, mesmo que provisório” (Althusser *apud* Fontana, 2017, p. 184),

Pois assim se concretiza a memória, lembranças individuais são partilhadas e recebem uma forma material, seja na fala ou na escrita, seja por meio de imagens, objetos guardados, ruínas, monumentos... E quanto maior visibilidade e aceitação (ou imposição) social essas lembranças têm, mais elas integram a memória “oficial” de uma sociedade. (Soethe, 2009, p. 161).

Desse modo, são os discursos em circulação, organizados na linguagem e delineados pelo tecido sócio-histórico, retomados, repetidos e regularizados, que constroem uma memória coletiva, dita “oficial”.

Visto que a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social, e que, por isso, as representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade, cabe ressaltar que, apesar de ser tomada como discurso oficial e declarada como a representação histórica de Xica da Silva, esta imagem foi estabelecida por um corpo de valores culturais e sociais de um dado momento, não podendo ser crivada como uma representação real ou não real, pois, “a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (Pesavento, 2012, p. 30).

Ademais, observa-se que a presença da estereotipificação da personagem afro-brasileira, verificada na obra, evidencia as correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais existentes em torno da raça negra, e difundidas pelo discurso autoral. Desse modo, somente compreendendo que um estereótipo nunca é neutro, visto que, ele é forjado e está sempre refletindo situações de conflito social, é possível compreender a função que os estereótipos assumem na dinâmica social.

CONCLUSÕES

Com base nas pesquisas de Silva (2013), é possível compreender que as representações estereotipadas de personagens negros são justificadas pela forma como a posição social dos negros é conveniente para textos que visam registrar a história. Isso ocorre porque esses documentos são influenciados por conjunturas políticas, sociológicas e gestantes, e é com base nestas alianças que os negros são representados histórica e literalmente.

Dessa forma, a formulação identitária de Xica da Silva, mais uma representação de mulheres negras na literatura brasileira, acrescenta significados ao imaginário sócio-histórico nacional das figuras históricas negras femininas. Conforme Stuart Hall (2016, p. 21-22), o sentido permite cultivar nossa própria identidade e estabelecer a quem pertencemos, relacionando-se, portanto, questões sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos.

Seguindo a perspectiva de Hall (2016, p. 20), os significados culturais não são apenas uma construção mental, mas têm um impacto real na organização e regulação das práticas sociais, influenciando nosso comportamento e gerando efeitos concretos. Dessa forma, considerando que todo objeto, sujeito ou evento é correlacionado a um conjunto de conceitos e representações representadas que temos e que o significado atribuído a eles depende do sistema de conceitos e imagens que formamos em nossas mentes, a representação depreciativa de uma figura histórica negra feminina, que ficou conhecida por ser uma "fuga" do estereótipo colonialista, não apenas demonstra a visão preconceituosa do autor, mas também influencia a persistência de um imaginário coletivo desqualificador em relação às mulheres negras brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre [et. al.]. *Papel da Memória*. Tradução e edição José Horta Nunes. - Campinas, SP: Pontes, 1999.
- BACZKO, Boronislav - "Imaginação Social". In: *Enciclopédia Einaudi Anthropos – Homem*. Lisboa: Casa da Moeda - Imprensa Nacional, 1985, v.5.
- CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961; tradução de Lúcia Maurício e Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3. ed. 1982, 7. reimp, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1988.
- CORTELETI, Marco Antônio. Pesquisa contesta mito de Chica da Silva. *Boletim Universidade Federal de Minas Gerais*. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/1207/pesquisa-contesta-mito-de-chica-da-silva-1>.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Portal Literafro*. 2011, [p.1–17], p. 3. [Artigo Científico — online]. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/literafro.
- FLORÊNCIO, Ana Maria Gama [et al.] *Análise do discurso: fundamentos & práticas*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- FONTANA, Mônica G. Z. O acontecimento do discurso na contingência da história. In: BARBOSA FILHO, Flávio Ramos; BALDINI, Lauro José Siqueira (Orgs.) *Análise de discurso e materialismos: historicidade e conceito*. Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo, SP-Edições Loyola, 1996
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador - o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- INDURSKY, Freda [et. al]. A memória na cena do discurso. In: *Memória e história na/da análise do discurso*. Freda Indursky, Solange Mittmann, Maria Cristina Leandro Ferreire, (organizadoras). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [et.al.] Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. – 4. ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, Parte III, 2009
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, n. 29, p. 9-27, 1995.
- SILVA, Ester Estevão da; AMORIM, José Edilson de. Representação histórica: uma análise do registro memorial de Xica da Silva na obra documental de Joaquim Felício dos Santos. *Crítica Cultural*, Palhoça, SC, v. 18, n. 2, p. 295-309, jul./dez. 2023.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do districto diamantino da comarca do Sêrro Frio, Província de Minas Geraes*. Rio de Janeiro, RJ: Typographya Americana, rua dos Ourives, n.19, 1868.

SILVA, Amauri Rodrigues da. *Presença e silêncio da colônia à pós-modernidade: sinais do personagem negro na literatura brasileira*. Brasília: Editora Kiron, 2013

SOETHE, Paulo Astor. *Literatura Comparada*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.